

OLHARES DOCENTES

A trajetória da educação nas comunidades quilombolas¹

Yara Inis Pacheco

Secretária do Movimento de Conscientização Negra Cruz e Sousa de Siderópolis - SC
Professora de Geografia
Bolsista Voluntária no Projeto de Extensão Diálogos Urbanos no Território Paulo Freire- Unesc

Ressaltando as sequelas mais profundas deixadas pelo sistema escravista em todo tecido social brasileiro, indubitavelmente, são os racismos/preconceitos, aliados ao abismo das desigualdades socioeconômicas e educacionais entre brancos e negros. Anterior à legislação vigente, por muito tempo não foi percebido que os materiais pedagógicos não traziam às informações necessárias, quando o assunto era população negra e comunidades quilombolas.



Essa ausência deliberada de referências histórico/culturais da população negra veio propalar a diversidade legitimando apenas os valores culturais de um grupo hegemonicamente estabelecido. Legitimação esta que foi se naturalizando cada vez mais a ponto de perpetuar-se sob a forma de mito no imaginário social. Nessas condições, quando o currículo escolar invisibilizou, deformou, inferiorizou, um grupo social destituído de poder, vítima de intensa opressão histórica, tais atitudes curriculares foram aceitas e validadas no cenário de uma política cultural que lhes albergou.

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019.

A partir desse ponto os olhares diferenciados para as comunidades quilombolas, se faz imprescindível de tal forma podendo enaltecer a Educação Escolar Quilombola, que se constitui numa ação afirmativa desconstruindo o amuleto das injustiças históricas, de intervir e dissolver as marcas colonizadoras imbricadas nos saberes escolares, e, sobretudo, vislumbrar a possibilidade de imprimir uma carga de reparação cultural e material à população negra que arrasta uma situação de desvantagem social histórica.